Excelentíssimo Senhor Cláudio Veiga, digníssimo Presidente desta Academia, Excelentíssimos Senhores Acadêmicos, autoridades aqui presentes e representadas, caros amigos, meus senhores e minhas senhoras

Chego hoje à Academia de Letras da Bahia, neste belo Solar Góes Calmon, casa da cultura baiana, tomada de grande emoção e, sobretudo, de humildade.

Aqui estou para receber e agradecer a enorme honraria concedida pelos senhores acadêmicos ao me eleger, oferecendo-me a cadeira 21, deixada por Jorge Amado, cujo patrono é Francisco Bonifácio de Abreu, Barão da Vila da Barra, tendo como fundador, Filinto Justiniano Ferreira Bastos e segundo titular, Estácio Luiz Valente de Lima, antecessor de Jorge Amado.

Deveria pronunciar aqui, neste momento, um discurso solene, o protocolar discurso acadêmico que o estreante tem por obrigação proferir ao tomar posse, dizendo palavras eruditas ao sr. Presidente, aos srs. Acadêmicos, às autoridades e amigos que aqui vieram ouvir-me, trazendo seu carinho, mas confesso, não sou boa em discursos, aliás, sou péssima. Prefiro falar naturalmente, sem a preocupação de tratar cerimoniosamenrte amigos de

PHL: 003767
9913
Z1PA.tec
G235di
4par(BR)
[2002]
ex.01

minha intimidade, nem buscar frases bonitas com palavras às vezes fora de uso.

Proferir um discursos é uma arte e essa arte, que não possuo, a substituo contando histórias, coisa que trago no sangue e que, bem ou mal, gosto de fazer.

Filha de imigrantes italianos, nasci na capital de São Paulo, há muitos e muitos anos, tantos que chega a ser difícil fazer-se um cálculo até chegar-se a 1916, exatamente quando vim ao mundo.

Naquela época as ruas da cidade eram iluminadas a lampiões a gás, não havia um único arranha-céu, os poucos automóveis que surgiam eram lentos não representando perigo aos pedestres ao atravessar as ruas. Lembro-me bem de mamãe, ao me ver sair porta à fora, recomendar: "menina, cuidado com as cascas de banana, não vá escorregar e quebrar a cabeça..." Não se preocupava que eu fosse atravessar a rua -- aquelas geringonças acionadas a manivela, com faróis a carbureto, arrastando-se por ali, não ofereciam perigo. Nos salões de baile dançavam a polca, o maxixe, a mazurca e a valsa, naturalmene. O cinema em preto-e-branco era mudo. Não existia rádio e, muito menos, televisão. A única revista infantil que havia era o Tico-Tico, esperada anciosamente, uma vez por semana.

Os divertimentos existentes então, accessíveis a uma família de parcos recursos como a nossa, eram poucos. Nossa vida simples era rica e sadia. O grande programa para as crianças de minha época era ouvir histórias, decorar poesias e recitá-las em saraus familiares.

Eu, pessoalmente, me considerava uma criança feliz, tendo como pais dois formidáveis contadores de histórias.

As histórias que ouvíamos, meus irmãos e eu, à noite após o jantar, ora contadas por papai, ora por mamãe, me empolgavam, deixavam-me encantada. Meu pai algumas vezes se emocionava com seus próprios relatos e isso eu percebia nos momentos mais excitantes, ao notar arrepios em seu pescoço.

Com mamãe a coisa já era diferente: embora também soubesse contar belas histórias e fosse capaz de inventá-las, preferia nos repetir trechos de romances que lia e dos filmes a que assistia às quintas-feiras, na sessão das senhoras e senhoritas, a preços reduzidos.

Minhas irmãs Wanda e Vera, me ensinaram a amar a poesia e a me encantar com romances. Wanda era apaixonada por Castro Alves, sabia seus poemas de cor e salteado. Vera, varava as noites lendo romances de José de Alencar.

Ainda pequena, eu mal sabia ler e já declamava com emoção, poesias de Castro Alves, Guerra Junqueiro, Olavo Bilac, Fagundes Varela e de tantos outros poetas, que Wanda me fazia decorar.

Ao recitar nos saráus, caprichava nos gestos, punha alma na entonação de minhas declamações, às vezes arrancando lágrimas dos espectadores, sobretudo de mamãe. Era só eu começar o poema de Fagundes Varela a seu filho morto aos quinze anos, que os lenços entravam em ação: *"Eras na vida a pomba predileta, que sobre um mar de angústias conduzias o ramo da esperança...*

Na longa trajetória de minha vida de pessôa espontânea e simples, aprendi uma coisa que aplico e dela tenho obtido bons resultados. Não falo nem escrevo sobre o que não conheço profundamente, procuro não usar termos dificeis nem citações de sábios estrangeiros, na busca da escrita erudita que só viriam perturbar a espontaneidade e a emoção de meus sentimentos.

Seguindo o protocolo da Academia, eu deverei falar hoje, ainda que em rápidas palavras, sobre as personalidades da vida baiana que mereceram a honra de ocupar a cadeira de número 21.

Falo, pois, com grande prazer, baseada no discurso de posse de Jorge Amado, nesta Academia e repito aqui, com toda a confiança, suas palavras de admiração e de respeito, começando por ressaltar a condição de romancista de Francisco Bonifácio de Abreu, patrono dessa cadeira.

"Múltiplos foram seus títulos e múltipla sua atuação intelectual. Barão da curiosa aristocracia mulata do Brasil, ostentando ao lado do brasão o nome do lugar onde nasceu, a Vila da Barra, na margem esquerda do rio São Francisco; médico ilustre; catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; tradutor da *Divina Comédia*. Autor de poemas dramáticos e autor de vários romances publicados."

Ao saber que Francisco Bonifácio de Abreu traduziu a Divina Comédia, de Dante, fui tomada de um certo carinho por ele e, confesso, senti-me emocionada ao pensar que sentarei na cadeira da qual ele é patrono. Tenho minhas razões :

O primeiro livro que amei quando criança foi "*A Divina Comédia*" de Dante Alighieri. Nem sabia ler ainda, mas mesmo que soubesse não ia adiantar pois tratava-se de uma edição italiana.

Emocionaram-me, encantaram-me as páginas desse livro e nunca mais o esqueci.

Mamãe possuia um exemplar de luxo da *Divina Comédia*, ilustrado por Gustav Doré.

O enorme livro aberto sobre a cama de meus pais, minhas irmãs e eu debruçadas sobre ele, íamos viajando com os personagens, Dante e seu amigo, o poeta Virgílio.

Encantava-me e apavorava-me, desde a primeira página, vendo as terríveis cenas do inferno. Wanda ia explicando que tudo fora um sonho de Dante que, com o amigo, fazia uma visita ao inferno, depois ao purgatório antes de chegarem ao paraiso. Sempre, a cada vez que folheávamos o livro – e foram muitas -- ao ver os amigos alcançarem o purgatório, deixando para trás aquelas almas penadas, eu dizia, num desabafo: "Graças a Deus!" O purgatório também não era lá essas coisas, muito sofrimento, apenas um pouco melhorzinho. Nas portas do paraiso –essa era a parte que eu mais gostava— Beatriz, a bem-amada de Dante, o esperava, toda de branco, linda! Os dois amigos se despediam e, entre anjos seguiam abraçados, céu a dentro, os dois namorados.

Certa vez eu comentei: "Esse Dante era um homem de sorte, ter um amigo que o acompanhava até no inferno..." Na sua sabedoria, Wanda respondeu-me: "Se não o acompanhasse até no inferno não seria um amigo de verdade."

Desculpem-me Senhor Presidente, meus confrades e confreiras, autoridades presentes, meus amigos, ter-me desviado da linha do discurso protocolar, contando uma história.

Quis apenas explicar o porquê de minha satisfação, de meu carinho e de minha afinidade com o patrono desta cadeira 21 que hoje, com muito orgulho ocupo. Imagino que, como eu, ele deve ter amado *A Divina Comédia,* tanto, a ponto de traduzí-la, proporcionando aos brasileiros o prazer de sua leitura.

Ao falar da presença incomum de Estácio de Lima na vida cultural da Bahia, Jorge Amado comenta que não foi apenas por sua obra realizada, de cunho científico ou de cunho literário, mas também e muito, pela fecunda capacidade que possuia de influir, congregar, de abrir caminhos, estabelecer a polêmica, defender posições pouco

ortodoxas: estimado, além de tudo, por ter sido um formidável promotor da cultura.

De Filinto Justiniano Ferreira Bastos, fundador da cadeira 21, infelizmente sei bem pouco. Nascido em Feira de Santana, a 11 de dezembro de 1856, já teria festejado 145 anos. Não encontrei dados sobre essa ilustre personalidade que, certamente, por seus méritos, alcançou a honra de ser o fundador da cadeira 21. À sua memória, rendo aqui minha homenagem e o meu respeito.

Tomei conhecimento da existencia de Jorge Amado aos 17 anos. Emprestado por um amigo de meu avô, recebi um dia um livro dele, *Cacau.* O velho Ristori –esse era seu nome—estava empolgado com o rapaz que conhecera naqueles dias, vindo do Rio, "um tal de Jorge Amado, *giovanotto* inteligente, jornalista, escritor, não sei bem..."me disse.

Fiz-lhe perguntas sobre o *giovanotto* inteligente. Percebendo meu interesse, com ar de malícia, o italiano respondeu: "já se foi, *piccina*, voltou para o Rio."

Em 2001, Jorge e eu comemoramos cinquenta e seis anos de nosso primeiro encontro. Ele me via pela primeira vez, em São Paulo, em maio de 1945. De mim ele não sabia nada, nem podia saber porque eu era apenas uma simples desconhecida, sem nenhuma credencial.

Jorge me encontrava pela primeira vez mas, eu o conhecera antes, o vira de longe, no início de 1945, no Teatro Municipal, quando ele presidia a delegação baiana ao Congresso Brasileiro de Escritores, que se realizava em São Paulo.

Admiradora do escritor, ao saber que ele estaria no Municipal àquela manhã, toquei-me para lá e, tímida, em meio a tantos intelectuais importantes que lotavam o teatro, sentei-me atrás, nas últimas cadeiras, recolhida na minha timidez, só observando. De longe vi Jorge Amado cercado de gente, sobretudo de mulheres belas, cultas e charmosas.

Sentada estava, sentada fiquei. Quem era eu para me aproximar da celebridade? Não era intelectual, não era conhecida e, nem mesmo tinha audácia para me apresentar e dizer-lhe ser uma leitora encantada com seus livros, admiradora de sua valentia. Não me aproximei, não tive coragem. Fui embora depois de ouví-lo discursar – Ave Maria! Que orador entusiasta! Quanto charme!

De Jorge Amado eu sabia tudo. Já lera os dez primeiros livros que ele havia escrito e, por intermédio de amigos comuns, Paulo Mendes de Almeida e Aparecida, sua mulher, sabia de sua vida.

Foi Paulo Mendes quem me contou que os livros de Jorge, Capitães da Areia, Mar Morto, Jubiabá, entre outros, haviam sido queimados por imorais e subversivos, em frente à Escola de Aprendizes de Marinheiros, em Salvador, por ordem do Comando da VI Região Militar, a 19 de novembro de 1937.

Soube das prisões de Jorge, de seu exílio na Argentina e Uruguai, de sua volta do exílio ao saber que o Presidente Vargas aderira às forças aliadas; soube ainda que ao regressar, ele passara três meses preso na Casa de Correção, no Rio de Janeiro. Soube também que daí ele fôra confinado, tendo como residência obrigatória a cidade de Salvador.

Nos dois anos que passou confinado na Bahia, Jorge voltou às suas atividades jornalísticas, colaborando no *O Imparcial,* publicando crônicas sobre a guerra. Escreveu, nessa ocasião, *São Jorge dos Ilhéus* e iniciava outro livro, *Bahia de Todos os Santos* quando, no final de 1944, ao ser informado da preparação do Congresso de Intelectuais em São

Paulo, Jorge não vacilou. Encabeçando uma delegação baiana, sem pedir permição a quem quer que fosse, partiu para São Paulo.

Participaria também dos movimentos populares em plena efervecência em São Paulo, contra o eixo-nazi-fascista e pela anistia dos presos políticos.

As notícia das atividades de Jorge Amado na cidade corriam de boca em boca e acabavam caindo em meus ouvidos.

Ele participaria agora da organização de um comicio, no Estádio do Pacaembu, para homenagear Luiz Carlos Prestes que saía da prisão. Estava anunciada a chegada de Pablo Neruda que declamaria um poema durante o comício.

Apresentei-me em seguida ao local indicado, onde seriam organizados os grupos de trabalho para a realização do tal "comício monstro."

Pela primeira vez eu via Jorge Amado de perto e me encantei. Fiquei pensando: apenas trinta e dois anos, com tantos livros escritos, tantas aventuras e desventuras...

Estava eu perdida em meus pensamentos quando o vi estender a mão pra mim: "Você vai trabalhar comigo..." Em seguida segurou-me

pelo braço: "Venha, me acompanhe, vou ditar um comunicado à imprensa." Parou diante de uma máquina de escrever: "sente..." Gelei:

--Eu não sei escrever à máquina...

--Não sabe bater à máquina? Que moça mais inútil!...

Me contive para não chorar e, ele percebendo o meu constrangimento, tratou de desfazer a brincadeira:

--Não pense que vai se livrar de mim, assim. Temos muito o que fazer, trabalho é o que não falta. Logo mais, à noite, você vai comigo a um comício na Lapa.

Desse momento em diante, cinquenta e seis anos se passaram e eu continuei a seu lado, acompanhando-o.

Jorge me deu a mão e conduziu-me por mundos os mais distantes, os mais estranhos, os mais fantásticos. Juntos palmilhamos as estradas da vida, as estradas do mundo.

Por mais de meio século Jorge Amado foi meu marido, meu mestre, meu amor.

Trabalhei com Jorge --já doutora em datilografia, com diploma e tudo – desde o primeiro livro que escreveu em minha companhia, *Seara*

Vermelha, batendo à máquina os originais, passando-os a limpo das correções feitas à mão.

Envolvida na história, tomando carinho pelos personagens, tentei salvar a vida de um dos retirantes: "Não mate Noca, Jorge, por favor! - pedí-lhe – a menina é tão meiga."

Então Jorge me disse que nada podia fazer, Noca devia morrer, que seus personagens tinham vida própria, e pelo que previa, Noca não ia escapar. Fosse ele mudar o rumo dos personagens de seus livros eles deixariam de ter carne e sangue, deixariam de ser criaturas humanas para se tornarem simples fantoches em suas mãos.

Aprendi a lição e não mais dei palpites. Aliás, dei: pedí-lhe, certa vez, que removesse para o lado, um dentão de ouro, que ele colocara , bem na frente, na boca de Tereza Batista, para substituir o que ela perdera numa briga. Não se tratando de vida ou de morte, Jorge me fez essa concessão (primeira e única) transferindo o dente de ouro para o lado.

Comentando o fato, muitos anos depois, ele confessou que se arrependia amargamente de ter me dado ouvidos. "Fosse hoje – disse – não teria feito isso. Teresa ainda estaria com seu dente de ouro na frente, feliz da vida."

Ainda muito cedo, comecei a entender que uma história só presta, empolga e nos faz sonhar, quando transmitida com prazer e emoção.

Eu reforçaria esse conceito, valendo-me da experiência de quem, no decorrer de mais de meio século viveu ao lado de Jorge Amado, vendo-o trabalhar e emocionar-se ao escrever um romance. Por mais de uma vez o ouvi desabafar, no final de um dia de trabalho: "Este livro me come as carnes..."

Lembro ainda de quando, ao terminar *Dona Flor e seus dois maridos,* a rir, divertido, satisfeito com a solução de um problema difícil que acabara de resolver, Jorge cobrou de mim, na maior galhofa: "Essa sua amiga, dona Zélia, revelou-se uma boa descarada, dormiu com Vadinho, gostou, mandou seus preconceitos de pequeno-burguesa às favas e ficou com os dois maridos." Ele sempre dizia: "Uma história, para prender, interessar, deve ser escrita com o coração, emoção e prazer. Deve contar coisas vividas intensamente, não apenas de ter ouvido falar ou, escritas como um simples observador que olha superficialmente um acontecimento".

Não tivesse Jorge convivido na juventude com meninos de rua, num trapiche abandonado, sabendo tudo sobre suas vidas, jamais poderia ter escrito um romance como *Capitães da Areia.*

Servindo-se de Pedro Arcanjo, personagem de *Tenda dos Milagres,* Jorge colocou em sua boca o que ele mesmo pensava: --"Sou materialista, mas meu materialismo não me limita." A essa frase atribuida ao seu personagem,

Jorge costumava acrescentar: -- "Eu não poderia ter a pretensão de ser um romancista da Bahia se não conhecesse por dentro os candomblés."

Lembro-me ainda da resposta de Jorge quando interpelado sobre sua amizade com Antonio Carlos Magalhães. Liberto de todo e qualquer ranço de sectarismo, o sectarismo que limita e idiotiza as pessoas, ele respondeu: "Antonio Carlos e eu somos adversários políticos mas isso não nos impede de sermos amigos e de eu ser seu admirador."

Levantado obá de Xangô, no candomblé de Mãe Senhora, no Axé do Opô Afonjá, embora materialista, Jorge frequentou o terreiro sempre que pôde e seguiu os preceitos e rituais com o maior respeito.

Entre os amigos que Jorge mais prezava encontravam-se as mães de santo da Bahia: Mãe Aninha, Mãe Senhora, Menininha do Gantois, Olga de Alaketu, Mãe Stella, Mirinha do Portão, Luiz da Muriçoca, Mãe Cleusa, Mãe Carmem.

Seara Vermelha, romance que lhe comeu as carnes, foi escrito no Estado do Rio quando, eleito deputado federal por São Paulo, nos mudamos para lá.

Fazendo parte da Comissão de Educação e Cultura na Assembléia Constituinte, Jorge foi autor de várias emendas aprovadas, como a da liberdade religiosa e a da criação do Salão de Arte Moderna, entre outras.

Jorge costumava dizer: "De uma coisa tenho consciência: ter sido um bom parlamentar, o que me dá enorme prazer, compensa-me dos maus momentos porque passei."

Em fins de 1947 o registro do Partido Comunista foi cassado e os parlamentares eleitos por essa legenda, expulsos do Parlamento.

O ano de 1948 iniciou-se com desmandos e violências, entre os quais, invasões de lares dos ex-deputados. Nossa casa no Estado do Rio foi invadida pela madrugada, por tiras de policia, verdadeiros vândalos.

Sem condições de permanecer em segurança, no Brasil, Jorge viu-se forçado a abandonar o país e, no mesmo mês de janeiro, viajou para a Europa. Enfrentaria o inverno e as destruições causadas pela guerra, ainda muito presentes. Com um filho recém-nascido, não pude acompanhá-lo na ocasião. Fui ao seu encontro, meses depois.

A palavra exílio causa mal-estar, lembra desterro, prisão. Em quase cinco anos de exilados, sem poder voltar para o Brasil, nós procuramos tirar o

melhor proveito da situação, conseguindo viver intensamente e aprendendo muito.

Conhecemos mundos, os mais distantes, conhecemos homens e mulheres, os mais significativos de nossa era. Cito apenas alguns nomes, correndo, certamente, o risco de esquecer quem não poderia ser esquecido: Ilya Eremburg, Anna Seghers, Pablo Picasso, Pablo Neruda, Nicolás Guillén, Sartre e Simone de Beauvoir, Yves Montand, Marcello Mastroianni, Paul Eluard, Paul Robson, Leopoldo Mendez, amigos até o fim.

Membro do Conselho Mundial da Paz, sediado em Paris, que tinha como presidente, Frederic Joliot Curie, Jorge organizava e participava de congressos contra a bomba atômica, realizados em várias partes do mundo. Vivíamos em Paris, de onde viajávamos para terras distantes.

Com Pablo Neruda e Nicolás Guillén, eles também exilados, corremos mundo, na luta pela paz contra a ameaça das armas nucleares. Pablo Picasso, também ele entusiasta dessa campanha, num traço firme e de grande delicadeza, simbolizou a paz numa pomba branca, levando no bico um ramo de esperança, desenho que o mundo inteiro conhece.

O Conselho Mundial da Paz conferia, uma vez por ano, o Prêmio Mundial da Paz, com uma dotação de quinze mil dólares (pagos pelos

soviéticos) a três personalidades da literatura, das artes plásticas, ciência, cinema e música.

Pierre Cot era Presidente do júri do Prêmio e Jorge Amado, secretário. Entre os membros do júri encontrava-se o acadêmico sueco Arthur Lundkvist, representante dos partidários da paz escandinavos, membro do juri que atribuía o Prêmio Nobel, na Suécia.

Arthur Lundkvist apresentou como candidato ao prêmio, naquele ano de 1951, o compositor finlandês Jean Sibelius.

Antes mesmo que a relação dos candidatos se tornasse oficial, o nome de Sibelius foi cortado pelos soviéticos. Havia uma razão:

O famoso Sibelius compusera canções e hinos de exaltação a seus compatriotas que se batiam contra os exércitos soviéticos na guerra russo-finlandesa de 1939. Sibelius entrara para a lista negra dos russos que jamais lhe dariam um prêmio. Assim, seu nome foi retirado da relação dos concorrentes antes do julgamento.

Jorge votou pela pomba da paz de Picasso, a vencedora do prêmio daquele ano.

Quem conheceu o caso de perto, soube a razão pela qual nunca deram o Prêmio Nobel a Jorge Amado. Bode expiatório, inocente no caso, Jorge foi considerado por Lundkvist como o responsável pela derrota de Sibelius. Não

quís ouvir as explicações de Neruda nem as de Miguel Angel Asturias, que de tudo sabiam e se dispunham a defender o amigo. Arthur Lundkvist nunca perdoou Jorge Amado.

Depois de vivermos dois anos em Paris, fomos intimados de repente, pela Prefeitura de Polícia, a deixar a França em 15 dias. Motivo? "Voces viajam demais..." E, fim de conversa.

Tudo se explicava, estávamos em plena guerra fria.

Convidados pela União de Escritores Tchecos, fomos viver na Tchecoslováquia, onde passamos dois anos.

Na Tchecoslováquia nasceu nossa filha Paloma e Jorge escreveu ainda um romance, *Subterrâneos da Liberdade*, livro de sua experiência de militante comunista. Escrito em 1950, ele só foi publicado em 1954.

A situação política no país socialista em que vivíamos, tornava-se difícil. Depois de experiências positivas que tivéramos do regime, relativas à assistência social, começávamos a enfrentar um clima de desconfiança e medo.

Acompanhávamos de perto os processos de Praga, que puniam, sem dó nem piedade, os chamados, por eles, de traidores, inimigos do socialismo,

inimigos de Stálin. Conhecíamos várias dessas vítimas e não acreditávamos que fossem culpadas.

O ambiente tornava-se pesado, insuportável.

Nunca imagináramos que tais injustiças e violências pudessem acontecer num país socialista e, uma pergunta pairava no ar: teria valido a pena a nossa abnegação, os sacrifícios de toda uma vida, por uma causa que julgávamos a melhor? Constatávamos que, sendo a melhor causa, os dirigentes é que não prestavam: incompetentes, sectários, ambiciosos – sobretudo ambiciosos – que, temerosos de perder seus postos de comando, cometiam os maiores crimes.

Em 1952, cheios de dúvidas e de algumas certezas, regressamos ao Brasil, a bordo de um navio italiano, Paloma com menos de um ano, João com menos de cinco.

Em 1955, sem ter tido tempo nem paz para escrever depois que voltara do exílio, Jorge pediu uma reunião com a direção do Partido Comunista. Anunciou seu desligamento de todas as tarefas partidárias, precisava de tempo para escrever: "Cumprir as tarefas que me atribuem, qualquer um pode, porém escrever meus livros, só eu." Disse e não voltou atrás.

Sem renegar o Partido, nem recuar de suas convicções de que o socialismo com democracia é o melhor caminho mas, que o socialismo sem democracia é tão ruim quanto o fascismo, Jorge desligou-se do parartido. Continuou amigo de Prestes e de Giocondo Dias, homens honestos, íntegros, heróicos, que mereceram o nosso respeito até o fim.

Em 1958, um novo romance já maduro, em sua cabeça, foi escrito. Com seu tempo livre pela frente, liberto das amarras do sectarismo, com emoção e alegria, Jorge escreveu *Gabriela, Cravo e Canela.* Trabalhou nesse livro de uma forma que eu jamais vira, dia e noite batendo nas teclas com tanta força que, ao terminar, seus dedos estavam em chagas.

O livro teve imenso sucesso, transformado em novela pela televisão Tupi, vendido para a Metro Goldwin Meyer para um filme, esgotando edições enormes, traduzido pelo mundo a fora.

Jorge não parou, precisava recuperar o tempo perdido. Escreveu os mais belos romances, a Bahia presente em todos.

Com a venda de Gabriela para a companhia americana, tivemos dinheiro para comprar uma casa na Bahia onde passamos a viver. Jorge

gostava de dizer: "Comprei uma casa com o dinheiro do imperialismo americano."

Ele voltava a seu chão, vinha ao encontro de seus personagens nas ladeiras do Pelourinho, no Cabeça, no cais do porto, passeando com seu velho amigo, Mirabeau Sampaio, querido e fiel colega de infância. Ria muito, pregando peças a Carybé, esse artista fantástico, amigo incomparável, que aqui chegara depois de ter lido *Jubiabá*. Nascido na Argentina, Carybé apaixonou-se pela Bahia conhecendo-a, apenas pela descrição do romance e resolveu: "Vou ver se esse baiano está dizendo a verdade." Desembarcou em Salvador, viu e aqui aportou para sempre com Nancy, sua mulher e seus dois filhos. Ainda outra personalidade trazida por *Jubiabá* à Bahia, para sempre, foi o antropólogo francês, Pierre Verger, figura invulgar, amigo querido.

Filha de São Paulo, cheguei com Jorge à Bahia para com ele e nossos filhos, fincar os pés para sempre.

Na leitura dos romances de Jorge – como Carybé e Verger -- eu descobri a Bahia até então território distante, quase desconhecido para mim. Nas páginas de seus livros, percorri as ladeiras do Centro Histórico com seus velhos casarões, visitei suas igrejas barrocas, incomparáveis, pude ver o Largo do Pelourinho onde, outrora, os escravos haviam sido açoitados. Descobri uma

nova culinária, frutas outras que as nossas de São Paulo. Chegava a sentir o perfume e o sabor do acarajé e do vatapá, da mangaba e do sapoti. Conheci coronéis comandando jagunços, mulheres valentes, belas, algumas sofridas prostitutas – tratadas sempre com carinho e respeito nos romances de Jorge.

A Bahia nos acolheu de braços abertos, a mim e a meus filhos e nos conquistou para sempre.

Foi na Bahia que, aos 63 anos escrevi meu primeiro livro. Jamais entrara em minhas cogitações escrever um livro. Quando muito, fizera duas reportagens para uma revista, texto e fotos de minha autoria: uma sobre a estada de Sartre e Simone de Beauvoir no Brasil, outra sobre Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de Despejo* e, mais nada que me lembre.

Lendo umas páginas que eu havia escrito a pedido de minha filha, história de meus tempos de criança. Jorge gostou:

--Por que você não escreve um livro sobre a tua infância? – me disse – será a história da menina pobre mas, de uma vida rica. Tente. Escreva com o coração, com a mesma simplicidade das palavras deste texto, sem procurar fazer literatura porque você não é literata. Eu também não sou literato.

Emocionou-me e, até mesmo me assustou, o conselho de Jorge. Conhecia-o demais para saber que falava a sério e que jamais me exporia ao ridículo, se não me achasse capaz de escrever um livro.

Não possuindo nenhuma anotação, apenas a memória trabalhando, voltei ao passado, voltei a ser criança nas ruas mal iluminadas de São Paulo, no convívio de minha família e escrevi *Anarquistas, Graças a Deus.* Jorge só viu o livro depois de pronto e, parece que gostou pois continuou me incentivando a escrever.

Pedindo desculpas a Jorge, abdiquei de meu nome de casada, nome que tanto prezo, assinando o livro com o de solteira. Não quis escorar-me em marido tão famoso. Pensei: "Se o livro de Zélia Gattai – ilustre desconhecida — agradar, ótimo! Senão, paciência."

Depois de uma longa vida, de alegrias e sofrimentos, chego agora ao décimo quarto livro, este último escrito depois de Jorge partir.

Descobri num dia de muita angústia, que ao escrever, consigo escapar do sofrimento numa fuga reparadora. O livro sobre os códigos de nossa família, foi escrito num momento dramático de minha vida.

Otimista por natureza, sempre achei que problemas, os mais difíceis, terminam sendo resolvidos. Assim encarei a enfermidade que afetava Jorge,

atacado por uma degenerescência senill da mácula da retina, que o impossibilitava de ler e escrever, deixando-o prostrado, causando problemas ao coração.

Já nem sei quanto tempo durou essa agonia. Além da assistência medica permanente, o competente cardiologista e amigo Jadelson Andrade, sempre a postos, deixei meu materialismo de lado, implorei a Deus pedindo que ajudasse Jorge a recuperar a vista ou, ao menos, que lhe devolvesse a alegria de viver. Apelei para tudo: ebó de candomblé, com animal de quatro patas, espiritismo, pajelança de índio... Tudo em vão.

Sentei-me então diante do computador, escrevendo histórias divertidas de nossa família, resgatando o meu amor de volta à vida, vendo-o sorrir novamente, pregando-me peças, comandando a casa como o grande comandante que sempre foi. Por uns poucos meses, consegui salvar-me de uma depressão. O livro, escrito em tais circunstâncias, conseguiu ser leve e alegre. Eu o terminei na véspera de Jorge partir.

Agora, mais do que nunca, envolta em saudades, necessitava escrever, trazer Jorge de volta para meu lado mas não era fácil iniciar um novo livro.

Um telefonema de Eduardo Portella, nosso velho amigo, sabedor da minha profunda tristeza, vinha em meu socorro:

--Por que você não escreve ainda um livro sobre Jorge, Zélia, você e seus filhos? Fale com Paloma e João. Eles dirão de sua experiência de amor com o pai, você a da amada por mais de meio século, será uma homenagem única!

Portella também homenagearia o amigo, escrevendo o prefácio do livro.

Chamei meus filhos para acertar tudo mas eles já estavam a par do projeto. Eduardo lhes telefonara.

Cada qual diante de seu computador, João, Paloma e eu, partimos para a nossa viagem de amor.

Como começar? Recorri ao meu compadre Pablo Neruda, pedí-lhe que me ajudasse, me emprestasse um verso, uma linha apenas de um poema seu o que traduz toda a minha nostalgia e ele veio em meu socorro: "A noite está estrelada e ele não está comigo..."

Trabalhamos com entusiasmo, com o coração e sentimos, os três, que mesmo depois de Jorge ter partido ele permanecia ao nosso lado.

Chego á última página de meu livro e, ainda uma vez, recorro a um poeta, desta vez ao meu querido Vinícius de Moraes. Dele transcrevo um verso que falará por mim nesse final de tantas recordações: "Eu sei que vou te amar, por toda a minha vida eu vou te amar..."

Caro Presidente, caros confrades, queridos amigos, neste momento de tanta emoção para mim, ao ser acolhida nesta vossa Casa, agora minha Casa onde, daqui por diante compartilharei de vossa ilustre companhia, resta-me dizer muito obrigada, de todo o coração.